

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes

Germana de Freitas Almeida

A EXPERIÊNCIA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS

Belo Horizonte
2015

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Belas Artes

Germana de Freitas Almeida

A EXPERIÊNCIA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS

Monografia apresentada ao Curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Juliana Gouthier Macedo

Belo Horizonte

2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, por ter me dado força e saúde para superar as dificuldades.

À orientadora, Juliana Gouthier, por sua generosidade, me fazendo seguir em frente e mostrando que era possível, até quando eu mesma duvidava.

Aos verdadeiros amigos, colegas, companheiros de trabalhos, irmãos, primos na amizade, que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

À minha família, meu porto seguro. Obrigada pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Manoel de Barros

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
APRESENTAÇÃO: Encontrando um caminho.....	7
Do artesanato à Arte: Desconstrução e Desafios.....	10
Enfrentando os desafios.....	19
Afinal, o que é experiência?.....	29
Arte, ensino e formação.....	31
A experiência no ensino/aprendizagem de arte.....	35
Escola I.....	37
Escola II.....	47
Considerações finais.....	50
Referências.....	52

INTRODUÇÃO

A educação é responsável pela formação do ser humano, e a Arte, enquanto representação e expressão da relação do homem com o mundo têm muito a contribuir nesse processo. Mas, para isso, é preciso vivenciar com ela uma relação de experiência, entendida aqui na concepção de algo que nos modifica, levando-nos além do momento vivido, transformando-nos.

No presente trabalho procuro investigar o conceito de experiência a partir de diferentes autores e, principalmente, a experiência no ensino/aprendizagem de Arte. Se acontecem experiências, quais são elas, como se dão? Se, por um lado, partimos do pressuposto de que a experiência é algo que nos transforma, por outro, esse modo de pensar tem provocado transformações no ensino/aprendizagem de Arte?

A reflexão aqui desenvolvida estabelece um diálogo com o ensino/aprendizagem da Arte a partir dos estágios em duas escolas da rede estadual de Minas Gerais em Belo Horizonte, quando surgiu o interesse em pesquisar um pouco mais sobre a realidade presenciada em sala, no cotidiano das aulas de Arte.

Dessa forma, comecei um estudo comparativo entre as duas escolas, por se tratar de realidades completamente diferentes. Partindo do interesse em conhecer melhor cada um desses espaços pelas diferenças que encontrei, me despertei também para a necessidade de compreensão dessas escolas sob dois aspectos distintos: a atuação do professor e o posicionamento e comprometimento dos alunos.

Para contextualizar o meu “olhar”, faço um breve relato sobre as minhas experiências, o meu percurso profissional e acadêmico, ou seja, do grande desafio para ampliar o meu repertório artístico, cultural e intelectual, buscando aos poucos, me tornar uma professora de Arte que consiga provocar nas pessoas experiências nesse campo de conhecimento, importante e necessário, que possam desencadear significativas transformações. Eis o meu desejo.

APRESENTAÇÃO:

ENCONTRANDO UM CAMINHO

Minha trajetória foi permeada por experiências, quando criança já me interessava por desenhos e gostava muito de colorir, depois vieram as pinturas em tecido, telas, as aulas de pinturas, os cursos, as viagens, o envolvimento e a permanência na casa de pessoas muito simples que sempre tinham algo a nos ensinar. Mas no momento vivido, essas experiências não eram evidenciadas como tal.

No exato momento em que as experiências acontecem, muitas vezes não conseguimos perceber sua dimensão em nossas vidas, por acharmos que são acontecimentos corriqueiros do dia a dia. Como se coisas simples não pudessem ser consideradas experiências.

Mas com o passar do tempo, percebemos que foram experiências e, talvez as mais importantes pela simplicidade do momento e satisfação de desempenha-las.

Para mim, surgiu desde muito cedo o interesse por desenhos e pintura (IMAGEM 1), sem muitas referências ou mesmo qualquer tipo de incentivo por parte da escola ou dos

professores, pois não tive ensino de Arte em todo meu período escolar.

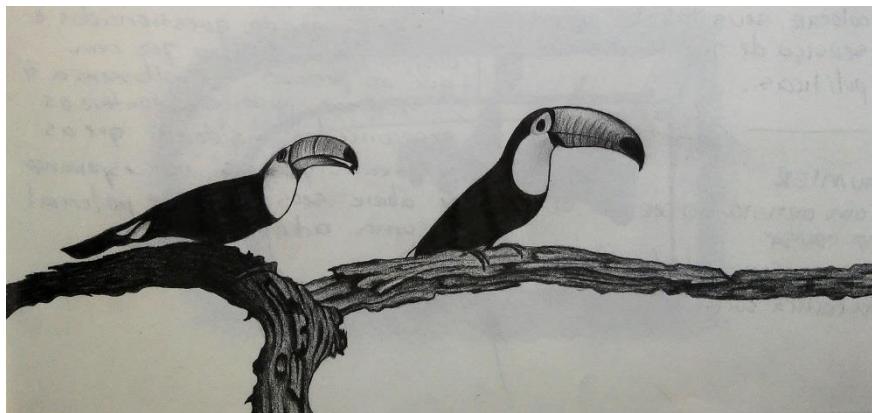


IMAGEM 1 – Germana Almeida. Grafite sobre papel (caderno de anotações) Santana do Manhuaçu. 1997. Acervo pessoal.

Morando no interior, sentia que as coisas seriam mais difíceis do que para quem mora na cidade, principalmente pela falta de contato com o universo artístico e, realmente foram, pois não tinha muitas possibilidades de acesso a materiais artísticos, livros e tudo pareciam estar muito longe. Por outro lado, uma pessoa de grande importância na minha vida, fez-me perceber que morando ali, tinha uma riqueza muito grande que me cercava e, como sugerido por ela, comecei a observar tudo o que estava a minha volta, os objetos, os pássaros, os animais,

a natureza como um todo e, isso foi fazendo uma grande diferença no meu modo de ver, de perceber o mundo.

Ao iniciar o curso de Artes Visuais, não sabia ao certo que caminho seria percorrido e, bem no início percebi que as coisas não seriam fáceis, principalmente para quem chegara com uma bagagem diferenciada sobre Arte, pois nunca havia visitado um museu, nem mesmo conhecia os artistas mais comentados do momento. Mas com o passar do tempo, percebi que minhas experiências pessoais e profissionais seriam de grande valia para o caminho que decidi seguir, trabalhar na construção de conhecimento compartilhando conquistas.

Ao optar pela Licenciatura, além de perceber a importância do ser professora, compreendi a importância do ensino de Arte e, a falta que faz aos alunos, quando não é exercida de forma que os levem a fazerem a experiência da Arte, ou mesmo que não os transforme de alguma forma. Mas o pior é quando simplesmente não existe o ensino de Arte.

Durante o curso tive a oportunidade de relacionar minhas experiências anteriores com minha formação docente, através do contato com diversas instituições de Arte, palestras, discussões, seminários voltados para a formação de

professores etc. Alguns desses momentos valem ser destacados: visita a exposições, como “Guerra e Paz” de Portinari, “A magia de Escher”, “CRASH!” de Regina Silveira, “Audácia Concreta” de Luiz Sacilotto, “Leonilson: Truth, Fiction”.

Visitas a Trigésima Bienal de São Paulo, “A eminência das poéticas”, ao Centro de Arte Contemporânea Inhotim, ao Patrimônio Artístico do séc. XIX no Rio de Janeiro, e ao Sítio Arqueológico da Pedra Pintada no distrito de Cocais em Barão de Cocais-MG.

Participação em vários seminários com destaque para: Primeiro Seminário de Licenciatura em Artes Visuais DIÁLOGOS ABERTOS. Seminário Historiando a Arte Brasileira. Participação no 23º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Sem falar em um momento de formação e aprendizado, que foi o período de Mobilidade Acadêmica na Universidade Federal do Paraná (UFPR), no primeiro semestre de 2015, onde tive a oportunidade de cursar disciplinas importantes que não são ofertadas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E ainda participar da exposição GIRO, em Curitiba – PR, momento esse de grande importância na minha trajetória.

E o que não poderia deixar de citar, os incômodos e inquietações na sala de aula, que me levaram a grandes reflexões em torno do desconstruir para se encontrar, me fazendo dessa forma, vivenciar experiências únicas nessa minha trajetória.

As oficinas, estágios e aulas que estive envolvida, também foram momentos importantes para evidenciar que teoria e prática não se separam, o que se tornará rotina em minha vivencia profissional.

Dessa forma comecei a perceber e acompanhar os aspectos interessantes e alguns dos desafios apontados pelos professores no ensino de Arte nas escolas, despertando assim, meu interesse pelas experiências vivenciadas nas aulas de Arte nas escolas por onde passei.

DO ARTESANATO À ARTE: DESCONSTRUÇÃO E DESAFIOS

Em Santana do Manhuaçu, na zona rural do interior de Minas Gerais, onde nasci, desde muito cedo aprendemos que toda menina deve dominar os afazeres de casa e desenvolver algum tipo de habilidade artesanal para facilitar a confecção do enxoval, seja a costura, o bordado, o crochê ou a pintura.

No meu caso, aprendi um pouco de tudo. Desenvolvi habilidades manuais desde nova. Apesar de, minha mãe não ter tido muita paciência para ensinar, só de observá-la fazendo os seus trabalhos, comecei a ensaiar os meus primeiros pontinhos de crochê. As cores sempre me chamaram a atenção e, quando ganhei minha primeira caixa de lápis de cor, fiquei fascinada. Queria sair colorindo tudo. Com 12, 13 anos de idade, já estava colorindo trabalhos escolares para minha irmã e suas colegas (IMAGEM 2, 3).



IMAGEM 2 – Germana Almeida. Lápis de cor sobre papel. Santana do Manhuaçu. 1998. Acervo pessoal.



IMAGEM 3 – Germana Almeida. Lápis de cor sobre papel. Santana do Manhuaçu. 1998. Acervo pessoal.

Percebendo meu interesse por desenhos e pelas cores, minha mãe sugeriu que eu começasse a pintar. Mas, entrar em um curso de pintura naquela época era praticamente impossível, tanto pela questão financeira, quanto por deslocamento. As coisas eram muito mais difíceis para quem morava na zona rural.

No entanto, empolgada com a ideia, não desisti. Comecei da forma que me foi possível, desenvolvendo pinturas em tecidos,

uma prática recorrente no interior, vista por uns como passatempo ou terapia, mas por outros também como um negócio capaz de gerar alguma renda.

Comecei fazendo panos de prato, para minha casa e, para dar de presente. Mas também consegui vender alguns para meus familiares, que compravam para me incentivar. Quando me dei conta, já estava fazendo enxovals completos e, a cidade toda já conhecia meu trabalho. Logo comecei a receber encomendas de cidades vizinhas, conseguindo assim, ter uma renda bastante razoável. Nesse período, como ainda estudava, tinha que ser dividir meu tempo entre a escola e o trabalho. Estava com 15 ou 16 anos de idade (IMAGEM 4,5).



IMAGEM 4 – Germana Almeida. Pintura em tecido. 2001. Acervo pessoal.



IMAGEM 5 – Germana Almeida. Pintura em tecido. 2000. Acervo pessoal.

Ao terminar o ensino médio, já começara a dar minhas primeiras aulas de pintura em tecido. Se no início não sabia ao certo como dar uma aula, com a minha experiência do fazer fui percebendo que era muito fácil repassar aos outros - aquilo que se sabe, principalmente quando se gosta do que faz.

Com as aulas de pintura, fui percebendo a importância do desenho para quem pinta. Até então, fazia uns rabiscos e, ainda não tinha levado o desenho muito a sério. Mas a partir desse envolvimento maior com a pintura, comecei a me interessar mais pelo desenho. Cheguei a começar um curso por correspondência. Se para muita gente isso não daria em nada, para mim foi uma grande oportunidade. O curso por correspondência foi o que me proporcionou uma base importante para meus trabalhos. (IMAGEM 6,7)



IMAGEM 6 – Germana Almeida. Grafite sobre papel. 2003. Acervo pessoal.

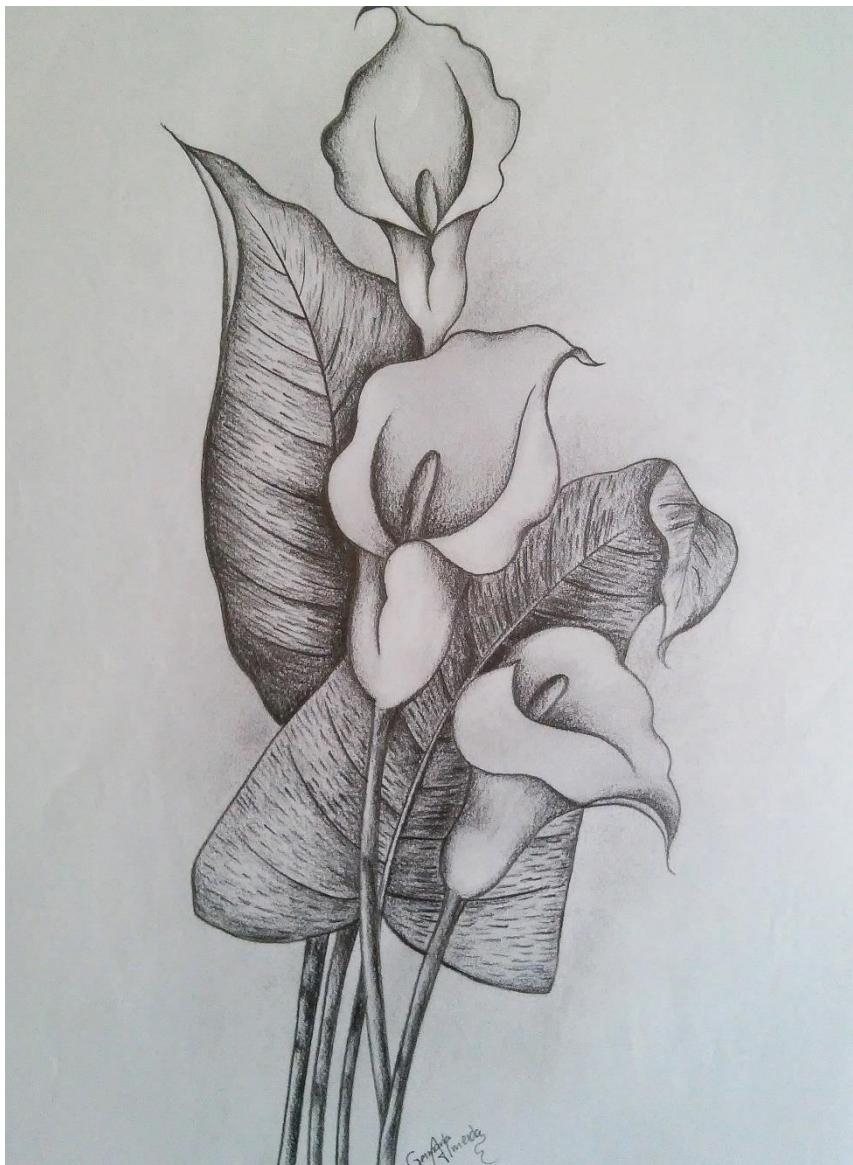


IMAGEM 7 – Germana Almeida. Grafite sobre papel. 2003. Acervo pessoal.

Os anos foram se passando, mais pessoas conhecendo os meus trabalhos, até que, em 2004, tive a oportunidade de fazer algumas aulas de pintura a óleo. O que era sonho estava começando a se tornar realidade. Pela primeira vez, saio da minha cidade e começo a estudar pintura no ateliê de uma prima em Pedro Leopoldo, na região metropolitana de Belo Horizonte. (IMAGEM 8,9)



IMAGEM 8 – Germana Almeida. Óleo sobre tela. 2004. Acervo pessoal.



IMAGEM 9 – Germana Almeida. Óleo sobre tela. 2004. Acervo pessoal.

Por todo esse período, não tive nenhuma referência de obras ou artistas conhecidos. Posso afirmar que na educação básica não tive aulas de Arte. As que se chamavam como tal, eram somente um passa - tempo, onde fazíamos algumas colagens e coloríamos desenhos de datas comemorativas, sem qualquer contextualização ou referência.

Quando comecei a pintar minhas telas, surgiu uma preocupação: o que pintar? Não tinha referências para desenvolver meus trabalhos, não tinha contato com o universo artístico e tão pouco, acesso a exposições. Livros sobre artistas ou técnicas de pintura, eram, até então, praticamente inacessíveis para mim. Na minha cidade não havia bibliotecas. Internet? Era coisa de outro mundo. Foi um período de conflito, pois não queria mais ficar simplesmente reproduzindo trabalhos encontrados em revistas de pintura que comprava na única banca de jornal da cidade.

Buscando um caminho, enviei uma carta a uma artista que pintava tecidos, Mamiko Yamashita Barletta, que conhecera em uma das revistas que comprara. Escrevi para ela relatando minhas frustrações, e ela, demonstrando uma grande sensibilidade, me disse que, morando no interior, eu estava cercada por uma riqueza que poderia ser explorada em meus

trabalhos, algo que ainda não tinha percebido. Foi a partir da fala de Mamiko que comecei a observar o que estava à minha volta, como os pássaros, os animais, as pessoas do meu cotidiano, as coisas simples, que realmente fazem sentido em nossa existência.

Mais tarde, fui convidada a me inscrever para atuar como instrutora do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural). Como gosto de desafios, me cadastrei e consegui entrar para o quadro de instrutores da instituição.

Somando às minhas experiências anteriores, como instrutora do SENAR, tive a oportunidade de participar de um treinamento em metodologia de ensino para formação profissional rural e promoção social, quando comecei a estreitar meus laços com os processos de ensino e aprendizagem. Foram anos de grandes experiências e muito aprendizado.

Trabalhava na área de promoção social, com um curso de pintura em tecidos. Mas diferentemente das aulas que ministrava anteriormente, estava em um curso estruturado, com planejamento para o desenvolvimento dos conteúdos na aplicação de técnicas e com critérios de avaliação, dentre outros.

Além da parte burocrática, minhas experiências mais significativas nesses anos de estrada se deram no contato com as pessoas que fui conhecendo e com as quais fui vivenciando um pouquinho do seu dia a dia. Eram, na maioria das vezes, pessoas simples, humildes e muitas vezes sofridas, que esperavam ansiosas por aquele momento. Elas só não sabiam que, a satisfação maior de estar ali, contribuindo com aprendizado e levando um pouco de alegria, era minha.
(IMAGEM 10,11)



IMAGEM 10 – Curso de pintura em tecidos. Manhuaçu. 2007. Acervo pessoal.



IMAGEM 11 – Curso de pintura em tecidos. Caputira - MG. 2008. Acervo pessoal.

Antes de iniciar o curso de Artes Visuais na Escola de Belas Artes da UFMG, passei por um período de indecisão e de muitas dúvidas. Cheguei a estudar mudando completamente de área. Sentia que estava decidido, que o universo artístico não era para mim.

Mas, com o passar do tempo, percebi que me faltava algo, não estava feliz, não me sentia realizada. Então, chegara o momento. Com um pouco mais de experiência, era hora de fazer o que realmente queria, que até então não estava muito claro. Fui para a escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Ao iniciar o curso de Artes Visuais, me deparei com uma situação bastante complicada. Como trazia comigo muito do artesanato, não me senti muito confortável ao perceber que dentro da academia as concepções acerca de Arte e do artesanato é um assunto que divide opiniões. Nesse sentido, hoje, com mais clareza, compartilho com a proposição de Saturnino de que a arte e o artesanato convivem no mesmo universo, mas se diferenciam pelas formas de apropriação da matéria e da cultura onde estão inseridos:

O artesão mantém viva a técnica, armazenando esse conhecimento, onde se aprende a fazer fazendo, transformando a matéria-prima em objetos úteis. Um processo que pode vir a despertar aptidões latentes do obreiro, aprimorando lhe o intelecto. A existência da arte depende diretamente da artesania, onde a habilidade no emprego de materiais e instrumentos é fundamental. Para se chegar ao que é arte e seus significados, é importante compreender as transições de concepções ao longo da história, dialogar com as incertezas e estar aberto para as múltiplas verdades.

São várias as maneiras de ver e definir a arte que flutuam entre o tempo e o espaço onde estão inseridas, são vários discursos e conclusões. Sempre se tenta formular ideias de estilos, mas a obra transcende o tempo e espaço.

A arte surge de um conhecimento intuitivo, concreto e imediato e nos faz compreender um sentido de mundo. No artesanato, o fazer manual é o que importa, o ritmo da produção, o gesto humano é o que impõe a marca da obra. Existe um caráter utilitário integrado ao contexto cultural. (SATURNINO, 2009 p.9)

Entender e poder me colocar nesse universo foi um processo lento, no qual passei por um momento de desconstrução das minhas “certezas” ou convicções. Até entrar para a EBA na minha visão, o artista tinha que dominar a técnica. Aos poucos fui percebendo que não era bem assim. Não era o que acontecia, não era com isso que os professores estavam preocupados. Com o tempo, enfrentando esse conflito e levando o curso a sério, fui compreendendo que a Arte vai muito além da técnica, exige conhecimento, percepção, é uma forma de expressão.

ENFRENTANDO OS DESAFIOS

Chegar ao fim do curso de Artes Visuais, não foi tarefa fácil, foram muitos desafios, um verdadeiro “deixar se perder para se encontrar”. Começara o curso com pouquíssimas referências artísticas. Até o momento só havia ouvido falar de alguns artistas do renascimento, como Leonardo Da Vinci, Michelangelo e Rafael¹. Nas primeiras aulas me sentia muito perdida, pois não comprehendia a linguagem dos professores e de boa parte dos colegas. Não conhecia nada de Arte contemporânea e, nunca havia visitado uma exposição. Sim, eu me sentia como um peixe fora d’água.

Mas, por mais que fosse difícil, estava decidida de que era ali que eu queria estar. Um dos primeiros desafios a ser enfrentado foi a ampliação de repertório, começar a estudar, pesquisar, visitar exposições. Era hora de correr atrás, de fazer parte daquele mundo, que também poderia ser meu.

¹ Leonardo Da Vince. 1452-1519. Itália

Miguel Ângelo di Lodovico Buonarroti Simoni. 1475-1564. Itália
Rafael Sanzio. 1483-1520. Itália

Como sempre fui fascinada pelo realismo, ao estudar história da Arte, os primeiros artistas que me chamaram a atenção foram Sandro Botticelli e Caravaggio² (IMAGEM 12,13).

Com o tempo, comecei a conhecer e me interessar pelos artistas que retratavam a vida cotidiana, a natureza, pessoas simples ou mesmo desconhecidas como, Rembrandt, Johannes Vermeer, Jean-François Millet, John Constable³ (IMAGEM 14, 15, 16,17) que me remeteram a alguns de meus trabalhos. (IMAGEM 18,19) Também passei a admirar muito Francisco de Goya, William Turner⁴ e os impressionistas (IMAGEM 20,21,22 A e B) atraída pela experiência emocional que buscavam, preocupando-se mais com as emoções do observador do que com a realidade externa, sem falar em suas experiências com a cor e com a luz.

² Alessandro di Mariano di Vanni Filipepi. 1446-1510. Itália.

Michelangelo Merisi da Caravaggio. 1571-1610. Itália

³ Rembrandt Harmenszoon van Rijn. 1606-1669. Holanda.

Johannes Vermeer. 1632-1675. Holanda.

Jean-François Millet. 1814-1875. França.

John Constable. 1776-1837. Inglaterra.

⁴ Francisco José de Goya y Lucientes. 1746-1828. Espanha.

Joseph Mallord William Turner. 1775-1851. Inglaterra.



IMAGEM 12 – Botticelli, Palas e o Centauro. Têmpera sobre tela, 207 x 148 cm. 1482. Galleria degli Uffizi, Florença.



IMAGEM 13 – Caravaggio, Vocaçao de São Mateus, óleo sobre tela, 3,40 x 3,22 m, 1599-1600. Igreja de São Luís dos Franceses. Roma, Itália.



IMAGEM 14 – Rembrandt, O Cambista (O rico insensato). Óleo sobre madeira, 31,9 x 42,5 cm. 1627. Staatliche Museen, Berlim.



IMAGEM 15 – Vermeer, A leiteira, óleo sobre tela, 46cm x 41cm, 1657-1658. Rijksmuseum Amsterdam, Holanda.



Imagen 16 – Jean-François Millet, As respiadeiras, tinta a óleo, 84 cm x 1,12 m. 1857. Musée d'orsay, Paris.



IMAGEM 17 – John Constable, A carroça de feno, óleo sobre tela, 130,2cm x 185,4cm, 1821. National Gallery, Londres.



IMAGEM 18 – Germana Almeida. Aquarela sobre papel. 2013. Belo Horizonte. Acervo pessoal.

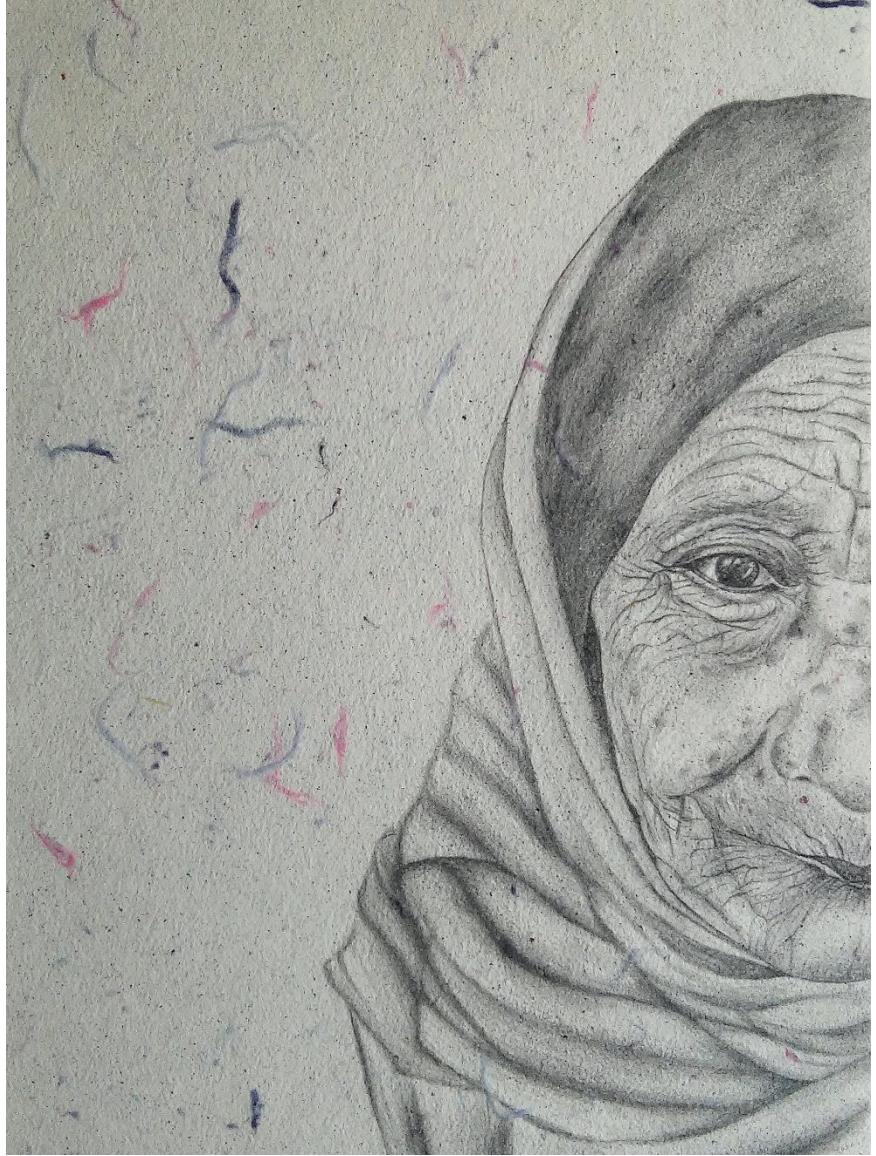


IMAGEM 19 – Germana Almeida. Grafite sobre papel artesanal (da série FRAGMENTOS). 2015. Acervo pessoal.

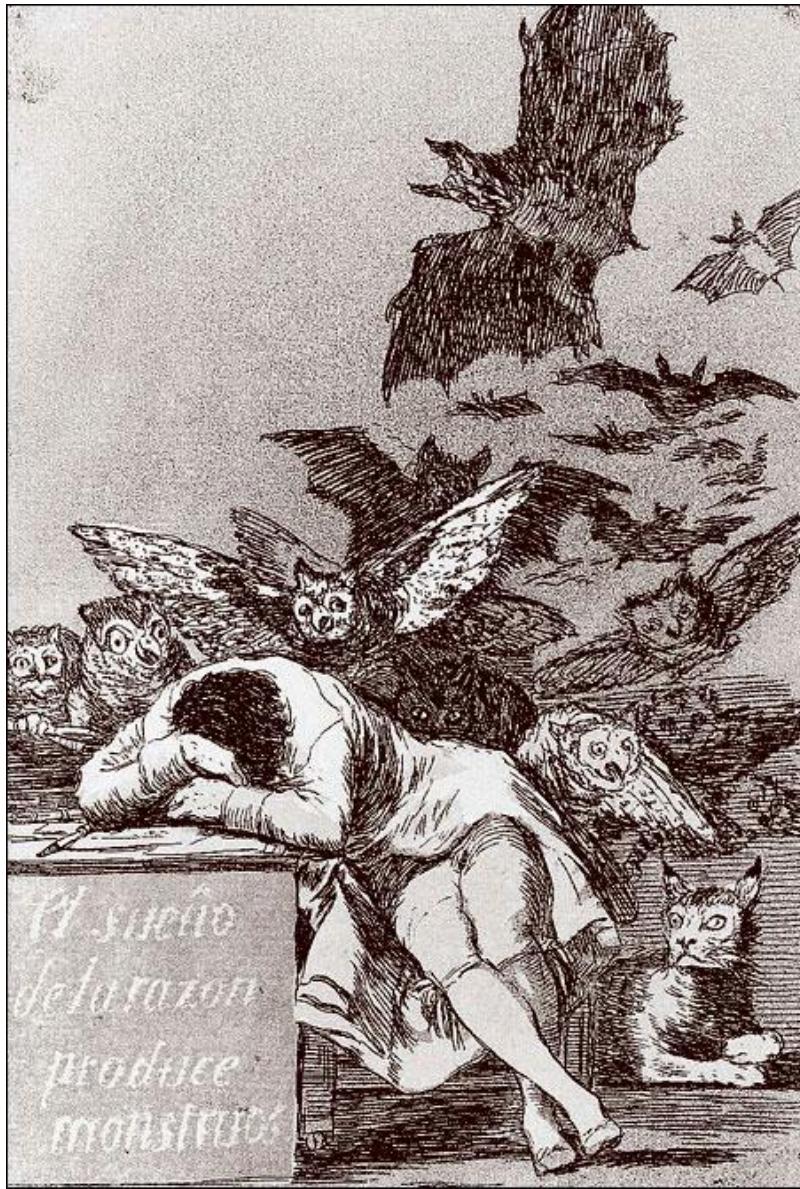


IMAGEM 20 – Goya. O sono da razão produz monstros. Gravura, águatinta, ponta seca e buril, 21,5 x 15 cm. 1799. The Metropolitan Museum of Art, Nova York.

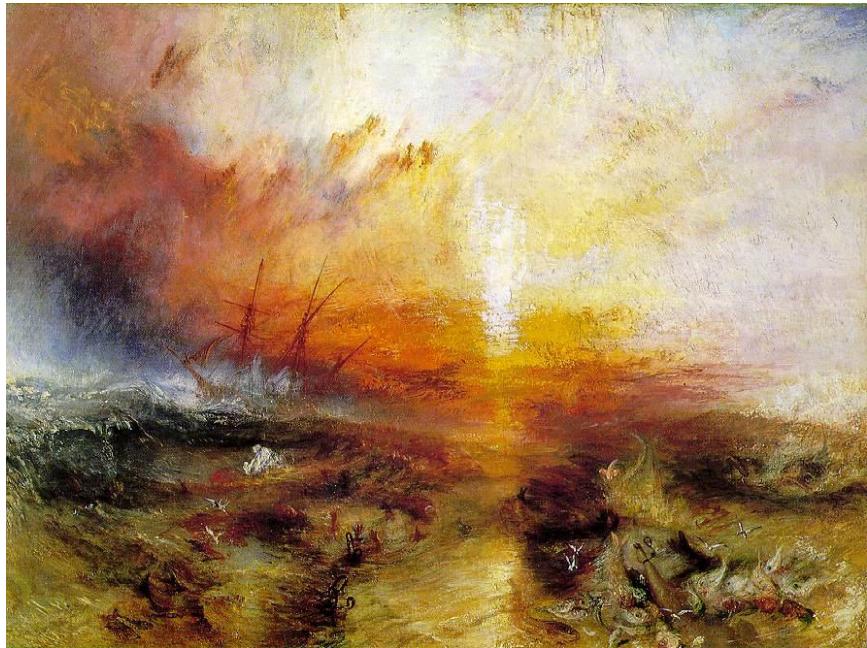


IMAGEM 21 – Turner, O navio negreiro, tinta a óleo, 91 cm x 1,23m. 1840. Museu de Belas Artes de Boston.



IMAGEM 22 A – Claude Monet, A estação de Saint-Lazare, óleo sobre tela, 75 cm x 100 cm. 1877. Museu d'Orsay, Paris.



IMAGEM 22 B – Claude Monet. O passeio, óleo sobre tela, 100 cm x 81 cm. 1875. National Gallery of Art, Washington, EUA.

Me relacionar, ou me envolver com as produções da Arte moderna e contemporânea foi mais complicado. Por mais que eu me esforçasse, não via muito sentido. E isso não era por falta de estudar, de buscar conhecê-las. Parecia que aqueles artistas e obras, que me eram apresentados em aulas, nos livros que estudava ou nas exposições que passei a frequentar, não faziam parte do meu mundo.

Quando optei pela Licenciatura em Artes Visuais, senti ainda maior a necessidade de ampliar meu repertório artístico. Como professora, tenho a responsabilidade de estar sempre em busca de novos conhecimentos, novas referências, como nos ensina Paulo Freire, “pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 2014, p.31).

Nessa busca, meu maior desafio foi a construção do material didático. Desde a ideia inicial do projeto até a sua finalização, foram muitas as mudanças. Mudanças essas, que me proporcionaram muito aprendizado e que me fizeram crescer e amadurecer dentro desse processo de formação.

Dentro da minha “zona de conforto”, minha proposta inicial era a de abordar o tema Arte Brasileira, com o foco na Arte Acadêmica e a Semana de 22. A princípio o material seria um

jogo, mas começaram a surgir alguns problemas e o tema escolhido também já não condizia com minhas pesquisas da época. Na sutileza de me propor um recorte mais alternativo da temática pensada, a professora Juliana Gouthier, fez-me perceber o quanto satisfatório seria desenvolver proposições que para mim ainda poderiam ser mais desafiadoras, como as questões mais contemporâneas. Nessa discussão, chegamos à ideia de construir um material didático a partir do Concretismo no Brasil⁵.

⁵ A arte concreta deve ser compreendida como parte do movimento abstracionista moderno... Os princípios do concretismo afastam da arte qualquer conotação lírica ou simbólica... A obra de arte não representa a realidade, mas evidencia estruturas, planos e conjuntos relacionados, que falam por si mesmos... O ano de 1952 e a exposição do *Grupo Ruptura* marcam o início oficial do movimento concreto em São Paulo... O grupo propõe em seu manifesto a “renovação dos valores essenciais das artes visuais”, por meio das pesquisas geométricas, pela proximidade entre trabalho artístico e produção industrial, e pelo corte com certa tradição abstracionista anterior. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.or.br/termo370/concretismo> Acesso em: 02/12/2015.

Aceitei a provocação, mas confesso que não foi fácil. Respeitando meu ponto de vista da objetividade, mas também pensando nas pessoas que fariam uso do material, começou um vai e vem de ideias, muito estudo e muitas opiniões dos colegas. Tudo isso me ajudou muito. Eis que surge o material didático, “A CAIXA CONCRETA”, aparentemente simples, como tudo que trago comigo, mas ao ser aberta, se desmonta e abre inúmeras possibilidades de proposições. O material foi elaborado com o intuito de estimular o desenvolvimento de produções, desencadeando questões sobre o processo de ruptura, criando possibilidades e proporcionando a construção de conhecimento. (IMAGEM 23 A,B)

Esse momento foi muito importante na minha formação, ao perceber e reconhecer a importância de romper com certas barreiras que me impediam de ampliar meu repertório artístico, cultural e intelectual, tornando-me assim aberta ao novo, sem preconceitos, sem nenhum tipo de julgamento prévio sobre aquilo que desconheço, como nos ensinam os artistas que assinaram o Manifesto Ruptura, do Movimento Neoconcretista, um desdobramento do Concretismo:

A arte antiga foi grande, quando foi inteligente. Contudo, a nossa inteligência não pode ser a de Leonardo. A história deu um salto qualitativo: Não há mais continuidade! Então nós distinguimos: os que criam formas novas de princípios velhos; os que criam formas novas de princípios novos... (MANIFESTO RUPTURA, 1955).



IMAGEM 23 A



IMAGEM 23 B. IMAGEM 23 A e B- Germana Almeida, Material Didático, "Caixa Concreta", 2014. Acervo pessoal.

Nesse contexto de experiências, surge a necessidade de compreender melhor o que é experiência. Dessa forma, revisitaremos alguns de seus diversos significados, a fim de que surjam elementos para nortear a reflexão sobre a experiência no ensino/aprendizagem de Arte.

AFINAL, O QUE É EXPERIÊNCIA?

- Dicionário de Português Online

Ex.pe.ri.ên.cia

sf (lat *experientia*) 1 Ato ou efeito de experimentar. 2 Conhecimento adquirido graças aos dados fornecidos pela própria vida. 3 Ensaio prático para descobrir ou determinar um fenômeno, um fato ou uma teoria; experimento, prova. 4 Conhecimento das coisas pela prática ou observação. 5 Uso cauteloso e provisório. 6 Tentativa. 7 Perícia, habilidade que se adquirem pela prática. **Antôn** (acepções 2, 4 e 7): **inexperiência. E. de voo V ensaio de voo.**

- Dicionário de Filosofia

EXPERIÊNCIA - Dada a multiplicidade de sentidos do termo experiência, descreveremos vários sentidos capitais do vocábulo através da história da filosofia, sublinhando pelo menos um destes dois: a) a experiência como confirmação, ou possibilidade de confirmação empírica (e muitas vezes sensível) de dados, e b) a experiência como facto de viver algo dado anteriormente a qualquer reflexão ou predicação. Na filosofia platônica, a distinção entre o mundo sensível e o mundo inteligível equivale, em parte, à distinção entre experiência e razão. A experiência aparece como conhecimento daquilo que muda, como uma opinião mais do que como um conhecimento propriamente dito. Em Aristóteles, a experiência fica mais bem integrada dentro da estrutura do conhecimento. Para ele, a experiência surge da multiplicidade numérica de recordações; a persistência das próprias impressões é o tecido da experiência à base do qual se forma a noção, isto é, o universal. A experiência é, pois, a apreensão do singular; sem esta apreensão prévia, não haveria possibilidade de ciência. Além disso, só a experiência pode proporcionar os princípios pertencentes a cada ciência; devem observar-se, primeiro, os fenómenos e ver o que são para proceder, depois, a demonstrações. Mas a ciência propriamente dita só o é do universal, o particular constitui o material e os exemplos. Tal como Platão, Aristóteles destaca a importância da experiência na prática.

- Experiência segundo Heidegger (1987)

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (1987, p. 143 apud BONDÍA, 2002, p.25)

- Jorge Larrosa Bondía

Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao

mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (BONDÍA, 2002, p. 21)

- John Dewey

A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos. Em vez de significar a rendição aos caprichos e à desordem, proporciona nossa única demonstração de uma estabilidade que não equivale à estagnação, mas é rítmica e evolutiva. Por ser a realização de um organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas, a experiência é a arte em estado germinal. Mesmo em suas formas rudimentares, contém a promessa da percepção prazerosa que é a experiência estética. (DEWEY, 2010, p. 83, 84)

ARTE, ENSINO E FORMAÇÃO

Ao se recuperar brevemente o histórico do ensino de Arte no Brasil, observa-se a integração de diferentes orientações quanto a suas finalidades; formação e atuação de professores, políticas educacionais e os enfoques pedagógicos, filosóficos e estéticos.

Na primeira metade do século XX, na escola tradicional, valorizavam-se principalmente as habilidades manuais, os “dons artísticos”, os hábitos de organização e precisão, mostrando uma visão utilitarista e imediatista da Arte. O ensino de Arte era voltado essencialmente para o domínio técnico. (PCN ARTE, 1997).

Nos anos finais da década de 60 e início de 70, percebe-se uma tentativa de aproximação entre as manifestações artísticas ocorridas fora do espaço escolar e a que se ensina dentro dele; a época dos festivais da canção e das novas experiências teatrais, momento em que as escolas promovem festivais, obtendo grande mobilização dos estudantes. (PCN ARTE, 1997).

Mas por enquanto, o lugar da Arte na hierarquia das disciplinas escolares, desconhecia o poder da imagem, do som, do movimento e da percepção estética como fontes de conhecimento.

Em 1971, pela Lei 5692 a Arte é incluída no currículo escolar, instituindo a polivalência, com o título de Educação Artística, reunia dentro da mesma, as atividades de artes plásticas, música, teatro e dança. Pautados na superficialidade, esses fundamentos continuaram sem foco no conhecimento.

Porém, o resultado dessa proposição foi contraditório. Muitos professores não estavam habilitados e/ou preparados para o domínio de várias linguagens a serem incluídas no conjunto de atividades artísticas. Para suprir a demanda criada, vieram os cursos superiores para professores polivalentes, inaugurando a Licenciatura em Educação Artística. Com duas opções de formação, a Licenciatura Curta, em dois anos, e a Licenciatura Plena, em quatro anos. (Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, 2008).

Com a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, a Educação Artística, praticada até então como mera atividade, passa a ser chamada de Ensino de Arte, reconhecida como conhecimento e incluída na estrutura curricular obrigatória como área, com conteúdos próprios ligados a cultura artística.

Todavia, essa mudança não foi determinante para que muitos aspectos da educação praticada até então, ficasse no passado.

Uma questão de suma importância no ensino de Arte no Brasil, é a distância que existe entre a produção teórica e o acesso dos professores a essa produção, que na maioria das vezes é dificultado pela fragilidade de sua formação e nas inúmeras visões preconceituosas que reduzem o Ensino de Arte nas escolas como um simples passatempo, um momento de relaxamento para os alunos ou ainda, útil apenas nas comemorações de datas cívicas ou para enfeitar o cotidiano escolar.

Infelizmente, percebe-se que muitos professores se sentem desanimados, e por vezes, aceitam a situação como caso perdido, confirmando isso com sua realidade, aceitando as condições de trabalho que são impostas e assim, concordando com o descaso manifestado pela escola e pela maioria dos

alunos. (Isso é uma realidade que pude constatar no período de estágio obrigatório).

Por outro lado, observamos também professores que, apesar dos grandes desafios encontrados, estão dispostos a por em prática novas formas de ensinar Arte na escola. Esses professores sabem da dificuldade de desenvolver um bom trabalho na realidade de nossas escolas, mesmo assim, se propõem a agir de forma diferenciada. Estão sempre ampliando sua formação, com o objetivo de estarem cada vez mais preparados para enfrentar os desafios do cotidiano e criar estratégias para levar a arte e a cultura para a vida dos alunos e da sociedade.

O professor que entra na sala de aula precisa estar interessado no que ensina, estar ciente de que a Arte é uma área de conhecimento dinâmica e que está em constante transformação, chegando com novas informações a todo o momento, onde há uma ressignificação das informações anteriores. Mas se faz necessário um certo cuidado com esse grande número de informações, pois informação não é conhecimento, não é experiência. Devemos nos informar sim (mas buscando um saber no sentido de “sabedoria”, não apenas no sentido de “estar informado”).

Viver em uma “sociedade de informação” não quer dizer necessariamente, que se vive em uma “sociedade do conhecimento” ou de “aprendizagem”. Aprender vai muito além de adquirir e processar informação. É importante estar atento a tudo o que acontece no cenário da Arte e no que diz respeito a sua profissão, mas com discernimento, com um olhar crítico, como um verdadeiro pesquisador.

Paulo Freire esclarece:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino contínuo buscando, reprocuroando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2014, p.30,31)

Assim como todo educador, o professor de Arte deve ser também um pesquisador, estar sempre atento às produções teóricas e ampliando seu repertório, pois um professor que não estuda, não pesquisa, não estará capacitado a provocar seus alunos a serem indivíduos críticos, questionadores, com um olhar reflexivo sobre o que acontece na sociedade e principalmente no meio que vivem.

Ainda sobre a formação docente, Paulo Freire continua:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, a curiosidade, as perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2014, p.47)

Assim se firma a necessidade de uma formação de qualidade e continuada, para que o professor esteja preparado, atualizado, e que tenha materiais e condições adequadas para criar tais possibilidades para a construção de conhecimento dos alunos.

No ensino de Arte, essa construção deve ser muito bem pensada, pois não se trata apenas de teorias, textos e história, muito menos de, simplesmente, exercícios de desenho descontextualizados, origamis e cartões de dia das mães. Pode e deve fazer uso de atividades simples, mas não se esquecendo da contextualização, por ser um passo importante para o entendimento de seu desenvolvimento para os alunos enquanto proposição de uma aula de Arte.

O ensino de Arte deve possibilitar diálogo, reflexão, troca. Estar disponível e aberto para experimentar materiais e técnicas, explorar, conhecer novas produções artísticas. Procurar fazer

relações entre a Arte contemporânea, moderna, antiga, ampliando assim o conhecimento sobre a Arte e da Arte.

Ainda sobre formação do professor, Fernando Hernández sugere que devemos considerar a formação como uma experiência na qual a compreensão da própria experiência tenha um papel relevante. Tanto nas práticas educativas quanto nos momentos de reflexão em torno delas, faz-se necessário levar em consideração as emoções que envolvem os estudantes. Dessa forma, são levantadas questões que podem ajudar os estudantes a colocarem-se na realidade observada e a elaborarem suas próprias compreensões emocionais. (HERNÁNDEZ, 2005).

A experiência nos surpreende e nos orienta na busca do novo. Ensina-nos a viver humanamente porque nos afeta, faz-nos sentir.

Mas, para termos uma experiência, é necessário abrir-se a escuta, o que significa querer transformar-se em uma direção desconhecida em que se possa aprender com o outro e com a transformação de si mesmo. Aquele que não se abre a escuta, diz Bondía, cancelou seu potencial de transformação, pois se considera como a medida de todas as coisas. Lê, olha, escuta

a partir do que sabe, do que quer e do que necessita. (BONDÍA, 2002).

Os centros de formação docente precisam possibilitar vivências significativas aos professores e futuro professores para que eles possam viver a experiência em tudo que ela proporciona.

Assim, com uma formação diferenciada e com experiências vivenciadas, o professor terá possibilidade de levar aos estudantes a aprenderem sobre suas próprias concepções, olhares, expectativas e medos. Contribuindo dessa forma, com suas reflexões sobre suas trajetórias e seus processos de construção de identidade.

A EXPERIÊNCIA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTE

Sabemos que não é de hoje, as diversas reflexões que acontecem sobre os fundamentos, formas e objetivos a cerca da educação.

A educação pode ser vista como uma forma de ajudar as pessoas a encontrar suas raízes, aquelas que nos identificam com os outros seres humanos. Ao buscarmos essas raízes, não estamos desconsiderando a diversidade cultural humana, pelo contrário. Se há diversidade é porque todo ser humano é capaz de produzir cultura. Sendo o homem produtor de cultura, a Arte é uma das formas de expressá-la.

Segundo Dewey (2010), não há experiência mais intensa do que a arte. E ainda nos mostra que as origens da Arte na experiência partem de coisas simples do cotidiano:

As origens da arte na experiência humana serão aprendidas por quem vir como a graça tensa do jogador de bola contagia a multidão de espectadores; por quem notar o deleite da dona de casa que cuida de suas plantas e o interesse atento com que seu marido cuida do pedaço de jardim em frente à casa; por quem perceber o prazer do espectador ao remexer a lenha que arde na lareira e ao observar as chamas dardojantes e as brasas que se desfazem. (DEWEY, 2010, p.62.)

Dessa forma percebemos que não serão necessários grandes feitos para se vivenciar uma experiência. É muito mais importante dar a atenção e valor a pequenos gestos, às interpretações... Não podemos ser levados pelo impulso mecânico do desejo impaciente de chegar à solução final, temos que ser levados pela curiosidade, pelo desvendar de algo novo, pela atividade prazerosa do percurso em si.

No ensino/aprendizagem de Arte, é necessário estarmos atentos no decorrer das atividades com o desempenho, o interesse e a satisfação com que está sendo executado, ou seja, com todo o processo, ao invés de buscar apenas resultados. Muitas vezes preocupados em mostrar aos outros o que foi feito, se esquece da importância do como foi feito, na experiência desse momento de realização.

Com todos esses pensamentos e inquietações fui levada a debruçar sobre o tema fazer algumas indagações:

- Acontecem experiências no ensino da Arte?
- Que experiências são essas, com falta de recursos, incentivos etc.?
- Se a experiência é algo que nos transforma, no ensino de Arte tem havido transformações?

Durante meus estágios, disciplina obrigatória no currículo da Licenciatura, tive a oportunidade de vivenciar na realidade o ensino/aprendizagem de Arte em duas escolas da rede estadual de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Enquanto estamos vivenciando apenas as teorias, tudo parece muito simples e fácil, sempre temos respostas para tudo na ponta da língua, fazemos críticas aos professores, aos alunos, as escolas do ensino básico e achamos que estamos sempre com a razão. Esquecendo-nos de que a prática está muito distante de ser como na teoria.

ESCOLA I

Ao começar meu estágio na primeira escola em 2014, pude perceber como funcionam as coisas no cotidiano de uma escola. Sabia que seria um grande desafio, pois ficamos com medo e com um pouco de insegurança, questionando se iríamos dar conta de dar uma aula como planejado, ou se já estávamos preparados para encarar uma sala de aula.

Nesta escola diferentemente de muitas que conhecemos, os alunos tem duas aulas de Arte na semana, o que já foi novidade, pois na maioria as aulas, quando são oferecidas, acontecem uma vez na semana.

A questão do tempo é algo que deve ser levado em consideração juntamente com a questão de espaço, ou falta dele. Pois sabemos que são pouquíssimas as escolas que tem um espaço apropriado para o desenvolvimento das aulas de Arte e, isso interfere negativamente no ensino/aprendizagem dos alunos. Sem um espaço adequado é mais difícil de pensar em experiência, pois um amontoado de alunos confinados em um espaço e controlados em um determinado tempo, não

impede, mas dificulta muito que alguém tenha uma experiência.

Na escola em questão o espaço nas salas de aula é mínimo, as carteiras enfileiradas, muito apertadas por sinal, é praticamente impossível mudá-las de posição. É visível que é muita gente para pouco espaço.

As aulas de Arte acontecem na maioria das vezes na própria sala de aula, quando há alguma atividade que requer um espaço maior, são utilizados outros espaços da escola, como o refeitório, a sala de estudo dos professores ou mesmo o pátio, o que não agrada muito os funcionários da escola, e/ou quando estão desocupados, pois geralmente outras turmas também utilizam esses espaços em outras disciplinas.

Uma das coisas que sempre me chamou muito a atenção é a relação da professora com os alunos e, a forma com que a mesma desenvolve as atividades. Mesmo com todos os problemas e dificuldades relatados por ela mesma, era perceptível seu empenho e entusiasmo para levar aos alunos essa possibilidade de transformação.

Era visível o entrosamento de professor e alunos, ela sempre preocupada em oferecer oportunidade para todos se expressarem, exporem suas dúvidas e opiniões, respeitando a autonomia dos educandos. Com uma linguagem clara e objetiva, facilitando a compreensão por parte dos alunos, e, sobretudo respeitando os saberes de cada um, aproveitando a experiência que cada aluno traz, fazendo com que cada um se sinta responsável por sua construção do conhecimento.

Segundo Paulo Freire, quando um professor entra em uma sala de aula deve estar aberto a indagações, à curiosidade, as perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto diante de sua tarefa, a de que ensinar não é transferir conhecimento.(FREIRE,2014).

Dessa forma, podemos pensar em experiência no ensino/aprendizagem de Arte, pois quando estamos abertos ao diálogo, estamos dispostos a colaborar para que a experiência possa acontecer durante as práticas educativas, oferecendo possibilidades e oportunidades de experimentações.

Aconteceram diversas experimentações durante as aulas de Arte e, a meu ver, todas muito produtivas, onde os alunos puderam se expressar, trazer para dentro da sala de aula suas vivencias do cotidiano, seus relatos, suas dúvidas e seus

anseios. Estive envolvida em várias proposições que aconteceram ao longo do ano durante as aulas de arte. Vou destacar algumas onde pude perceber um maior envolvimento dos alunos, momentos esses que foram possíveis uma entrega maior, onde se deixaram envolver e talvez se permitiram a essa transformação que a experiência produz em nós.

Uma das proposições que tiveram resultados muito interessantes foi a oficina de fotografia, antes da prática os alunos estiveram envolvidos em uma aula onde foram levantados aspectos técnicos, funções e história da fotografia, o que os proporcionou uma visão mais apurada do ato de fotografar. Em seguida, com um clima de descontração, fotografaram pela escola, levando Em consideração aspectos que foram desenvolvidos na aula. (IMAGEM 24, A, B).

IMAGEM 24 A e B. Aula prática de fotografia. Escola I. Belo Horizonte. 2014. Foto: Germana Almeida. Acervo pessoal.



IMAGEM 24 A



IMAGEM 24 B

Os alunos utilizaram desde equipamentos profissionais até mesmo as câmeras dos celulares, uma forma de descobrir as varias possibilidades que a fotografia oferece.

Foram exploradas questões sobre o movimento e a luz. Depois foi pedido que os alunos ainda trabalhassem na edição para a apresentação das fotos finalizadas.

Durante a realização da proposta, ficou evidente o envolvimento dos alunos, que demonstraram interesse em realizar um trabalho elaborado e com um olhar muito pessoal de cada um.

A partir dessa primeira prática, surgiram outras proposições que também foram muito bem recebidas pelos alunos e executadas com empenho e motivação, por acharem pertinentes suas proposições. Como a oficina de *Stop Motion*,⁶ *Flip Book*⁷ e *Light Paint*.⁸

⁶ Técnica que utiliza a disposição sequencial de fotografias (quadros) diferentes de um mesmo objeto ou pessoa, para simular seu movimento.

⁷ É uma coleção de imagens organizadas sequencialmente, em geral no formato de um livreto para ser folheado dando a impressão de movimento, criando uma sequência animada.

⁸ Técnica fotográfica onde a longa exposição registra o movimento de uma origem luminosa, permitindo assim a composição espacial de desenhos com os pincéis de luz.

Acho importante destacar, que no fim da proposta, um aluno apresentou uma série de fotografias que já havia sendo desenvolvidas, o mesmo comentou da importância da aula e do incentivo da professora em relação ao seu trabalho. Nesses momentos percebemos a importância de uma proposta bem elaborada, bem executada, a importância da experiência no ensino da Arte, sendo entendida como um processo da vida do estudante, ele mesmo produzindo significados sobre seu mundo através da arte.

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. (PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ARTE, 1997, p. 19).

Quando os alunos se manifestam artisticamente, estão construindo sua identidade, sua autoestima, aprimorando suas percepções, o que influencia diretamente na aprendizagem de arte, sua relação com o eu, com o outro e com o mundo.

Outra proposta que foi muito interessante para os alunos, foram as técnicas de experimentação, foi um momento de

colocar a mão na massa, literalmente. Nessas aulas, o intuito foi levar os alunos a experimentarem o fazer, muitas vezes dando mais valor ao conceitual, não podemos perder de vista a importância do fazer.

Em muitas ocasiões somos levados talvez pelo comodismo, a ficar só na teoria, explicando, mostramos imagens, mas não levamos os alunos a experimentar. Foi um momento interessante para percebermos as diversas reações dos alunos diante a essas experimentações.

A maioria se interessou em fazer, entender, compreender o processo de feitura, porém alguns, não queriam se envolver muito, surgiam expressões como:

- “não quero sujar minhas mãos”
- “eu fico olhando, dá para aprender assim”.
- “não vou atrapalhar minha unha”

Outros ainda faziam uma cara tipo: “pra que isso”, “não vou ser artista”.

Para Dewey, o que é experimentado faz sentido.

A experiência é o resultado, o sinal e a recompensa da interação entre organismo e meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação da interação em participação e comunicação. (DEWEY, 2010, p.88)

Assim percebemos a importância dessa interação do individuo com o meio, a importância do tocar, do sentir, a importância do participar de uma ação, fazendo com que essa participação se torne uma experiência real, não só naquele momento, mas que se reverbere pela vida dos indivíduos, levando-os a verdadeiras transformações.

A maioria da turma achou muito válida as experimentações, muitos já estavam com ideias para fazer em casa e utilizar os processos para desenvolver em outras atividades, para essa maioria as aulas foram de grande importância e produtividade, palavras dos alunos.

Foram realizados vários experimentos, desde técnicas de desenho, marmorização, nanquim raspado, monotipia, carimbos com legumes, transferências de imagens com esponja de aço e Tiner, etc.(IMAGENS 25 AB, 26 AB)



IMAGEM 25 A



IMAGEM 25 B

IMAGEM 25 A e B. Aula prática utilizando a técnica da marmorização. Escola I. Belo Horizonte. 2014. Foto: Germana Almeida. Acervo pessoal.



IMAGEM 26 A



IMAGEM 26 B

IMAGEM 26 A e B. Aula prática experimentando a técnica de carimbos com legumes. Escola I. Belo Horizonte. 2014. Foto; Germana Almeida. Acervo pessoal.

E a partir destas experimentações outras proposições foram desenvolvidas, onde os alunos tiveram oportunidade de trazer temáticas do contexto social onde vivem. Ao desenvolverem os *Fanzines*, por exemplo, tiveram a oportunidade de criar meios de apropriar-se e de dialogar com manifestações artísticas que, muitas vezes não tem espaço ou, são desconhecidas por grande parte da população. (IMAGENS 27, A, B e C)

Nesse contexto, ao produzir um *fanzine*, os alunos assumem uma autonomia de se manifestarem a partir do seu próprio universo cultural, proporcionando a eles mesmos uma forma particular de aprendizado, gerando um ambiente propício a expressões e apreciações estéticas variadas.

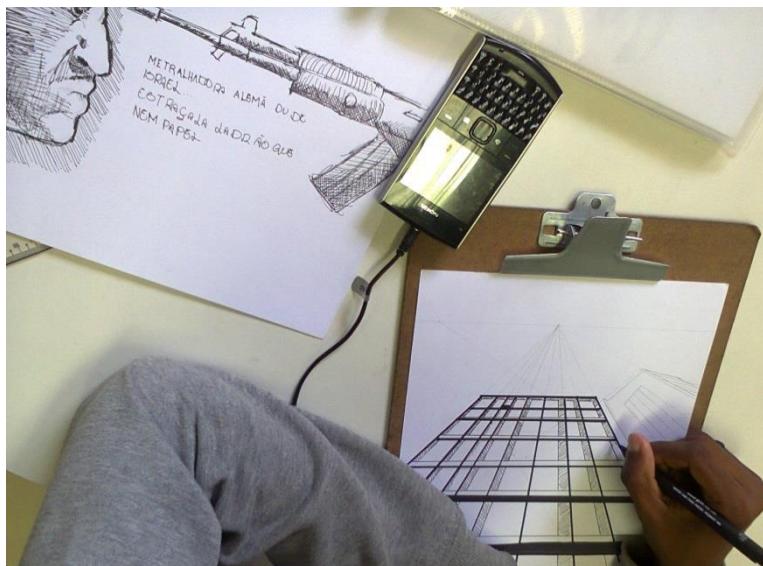


IMAGEM 27 A

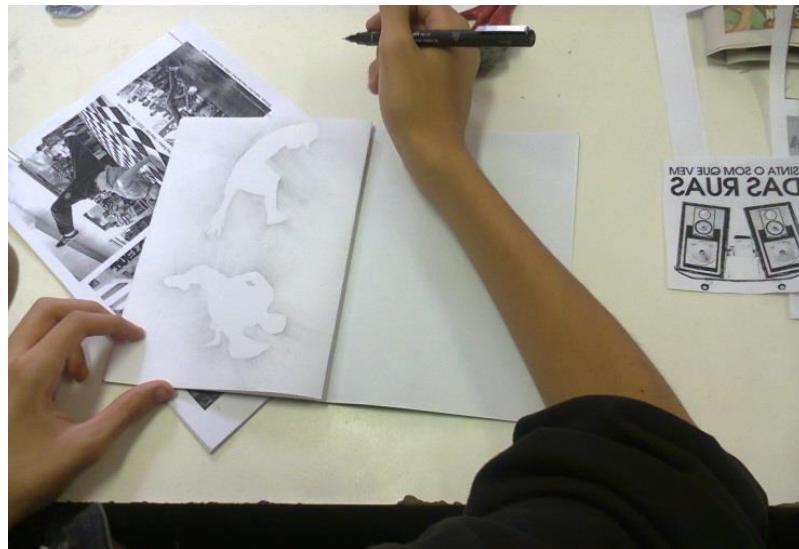


IMAGEM 27 B

IMAGEM 27 A, B e C. Aula prática de produção de *fanzines*. Escola I. Belo Horizonte. 2014. Foto: Germana Almeida. Acervo pessoal.

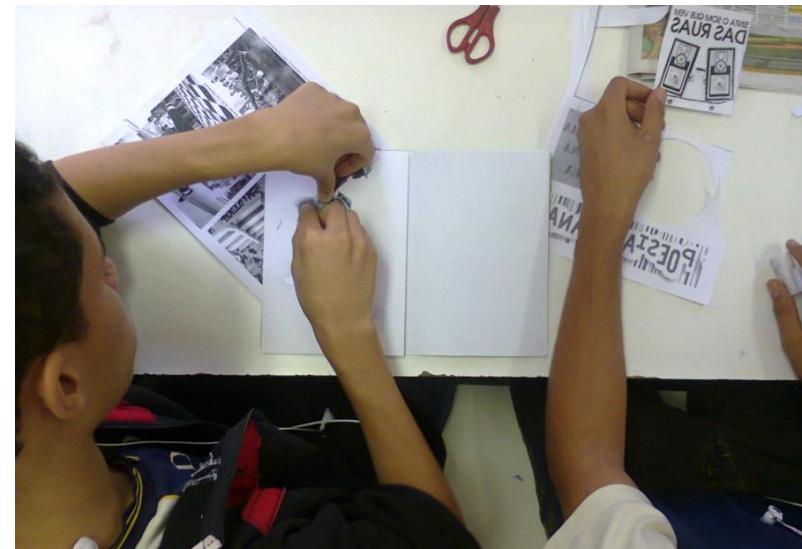


IMAGEM 27 C

Seguindo essa linha de se manifestarem a partir de seu contexto, de seu universo cultural, os alunos foram provocados a se inserirem no universo da *Land Art*⁹.

Foi também uma oportunidade de os alunos vivenciarem a experiência de uma aula do lado de fora dos muros da escola, situação em que muitas vezes algumas instituições não permitem ou que simplesmente é deixada de lado por causa dos procedimentos, muitas vezes burocráticos, para sua efetivação.

Foi um momento de interação e apropriação da natureza. A partir de uma contextualização em sala de aula, os alunos foram convidados a se dirigirem ao Parque Municipal Américo Renné Giannetti, mais conhecido como Parque Municipal, no centro de Belo Horizonte e próximo à escola, local onde a proposta foi desenvolvida.

⁹ *Land Art* inaugura uma nova relação com o ambiente natural... Não mais paisagem a ser captada e representada, nem manancial de forças e instintos passível de expressão plástica, a natureza agora é o *locus* onde a arte finca raízes. Desertos, lagos, canyons, planícies e planaltos oferecem-se aos artistas que realizam intervenções sobre o espaço físico... A recusa da rede alimentada por museus, galerias, colecionadores e outros, se explicita na defesa da indissociação arte/natureza/realidade e na realização de trabalhos que não são feitos para vender, que não podem ser colecionados. Artistas referência: Andy Goldsworthy (1956), Reino Unido, Robert Smithson (1938-1973), EUA, Michael Heizer (1944) EUA. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3649/earthwork> Acesso em: 02/12/2015.

Os alunos se dividiram em grupos e começaram pela observação do espaço para, em seguida começarem a procurar e selecionar materiais que lhes pareciam mais convenientes para suas intervenções. Durante todo o processo pude observar discussões em torno do tema proposto. Eles compreenderam o sentido da *Land Art*, além de uma intervenção é a apropriação de elementos naturais como meio expressivo e como elementos constituintes das obras de Arte, além de entender o natural como lugar de experimentação.

(IMAGENS 28 A, B, C e D).



IMAGEM 28 A



IMAGEM 28 B

IMAGENS 28, A, B, C e D. Aula prática de *Land Art*. Parque Municipal, Belo Horizonte. 2014. Foto: Germana Almeida. Acervo pessoal.



IMAGEM 28 C

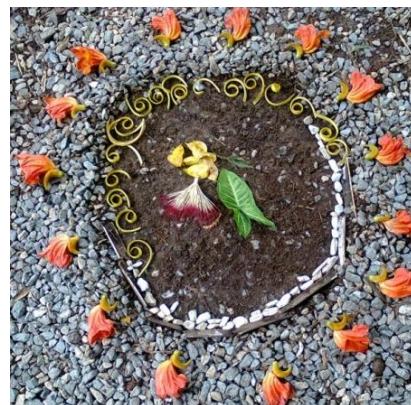


IMAGEM 28 D

Houve uma grande interação, com praticamente toda turma envolvida no processo, em que foram garantidos aos alunos, autonomia e liberdade para se expressarem. Uma ação que se configurou com um momento de construção de conhecimento, sendo respeitada a forma de manifestação desse experientiar do mundo.

Dessa forma, compartilhamos mais uma vez dos saberes de Paulo Freire:

...O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros... O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propôs limites à liberdade do aluno, que se furtar ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 2014, p. 58,59).

ESCOLA II

Na segunda experiência de estágio, iniciada em 2015, também da rede estadual de Minas Gerais em Belo Horizonte, vivenciei um cotidiano completamente diferente do presenciado na primeira escola.

Como na maioria das escolas, as aulas de Arte acontecem apenas uma vez na semana, a escola também não oferece espaço diferenciado ou alternativos para as aulas. As mesmas acontecem sempre na sala comum, onde são ministradas as demais disciplinas, com proposições não muito variadas. Durante a maioria (ou todas) as aulas de Arte não se percebe interesse e vontade de trabalhar entre os alunos.

No meu primeiro dia de estágio vivenciei uma experiência que, para muitos graduandos de Licenciatura em Artes Visuais, não é novidade. Ao ser apresentada aos alunos, fui bem recebida e, na sequência, ouvi comentários como:

“... você não tem cara de professora de Arte, todas são velhas, chatas...”

“... coitadinha de você... porque você fez isso?...”

“... professora? E ainda de arte?”

Sobre as experiências no ensino/aprendizagem de Arte que é o foco principal, infelizmente não há muitos relatos a serem feitos. Em sua maioria, as aulas propostas aos alunos, são produções de texto, às vezes em forma de poesia, outras de paródia, sempre retratando os problemas sociais existentes em nosso país. Quando não são produções de textos, são atividades relacionadas com datas comemorativas, onde todas as turmas devem apresentar algo, ficando na responsabilidade do professor de Arte toda parte de produção e apresentação.

Em uma aula foi pedido à produção de um texto sobre a falta de água, suas consequências e possíveis soluções, era visível que não queriam produzir o texto. Um ou dois alunos chegaram a comentar que já tinham feito algo semelhante em outra aula e, que não queriam fazer de novo. Porém o professor não se dispôs a discutirem sobre outro tema ou, algo mais relevante para uma aula de Arte.

Não há diálogo nas aulas, geralmente o professor ignora proposições ou opiniões dos alunos. Nas minhas observações, comparando com minha primeira experiência, concluo que seja essa uma das maiores dificuldades a ser enfrentada nessa escola, a falta de diálogo, não somente pelo professor de Arte, mas por toda a escola.

É perceptível a falta de interesse por parte dos alunos, conversam o tempo todo, o barulho em sala de aula às vezes chega a ser insuportável e, desenvolver o que foi proposto, só valendo nota, porque do contrário ninguém faz. Em conversa com os professores de outras disciplinas, a relatos de que essa situação é comum em suas aulas também.

Paulo Freire fala sobre a importância do silêncio no espaço da comunicação:

De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure “entrar” no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometido com *comunicar* e não com fazer puros *comunicados*, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação. (FREIRE, 2014, p. 115).

Infelizmente não é o que acontece nas aulas descritas, não há escuta, na maioria das vezes os alunos não compreendem o que foi proposto, porque não “param” um segundo para ouvir, do contrário, o professor também passa a fazer simples comunicados, pois já cansado do descaso dos alunos e também por parte da escola, já sente que seus esforços não

darão mais resultados, sendo assim, já não se preocupa mais com dúvidas ou indagações dos alunos.

O que pude observar é que, não existe diálogo entre professor e alunos, essa falta de comunicação atrapalha e muito o desenvolvimento das aulas, alguns alunos me relataram que não gostam das aulas de Arte porque são todas iguais, nunca tem novidades e por isso mesmo se acomodam. Já o professor, diz não se preocupar porque não tem jeito. Por mais que tente inovar, melhorar a qualidade das aulas, “não adianta”, “a realidade dos alunos é outra”, e a escola também não oferece nenhum suporte ou incentivo para os professores de Arte.

Sobre os relatos, mais uma vez Paulo Freire:

Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. “Não há o que fazer” é o discurso acomodado que não podemos aceitar. (FREIRE, 2014, p. 65).

Dessa forma, percebo que não há desculpas, por mais que seja grande o desrespeito dos poderes públicos pela educação, devemos exercer nossa atividade docente, confiantes que podemos fazer a diferença, não ficar sempre procurando um culpado pelos fracassos que ocorrem.

Se escolhi ser professora, devo agir como tal, colocando em prática minha capacidade científica, a alegria, o domínio técnico a serviço da mudança. Preciso querer bem aos alunos e a própria prática educativa que participo. Aprendendo a conviver com as diferenças, respeitando a curiosidade e a autonomia dos alunos, proporcionando a eles essa tão falada construção de conhecimento, onde possam se reconhecer como construtores de sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma investigação sobre experiência, revisitando muitos de seus significados e conceitos, concluo que experiência no campo do ensino/aprendizagem de Arte é algo que, quando vivenciada provoca transformações, se configurando como “uma consumação e não uma cessação. Consumação é a conclusão significativa impregnada pela apreciação pervasiva que penetra o todo da experiência” (BARBOSA, 1998, p.22).

Depois de muita observação, conversas com professores, com alunos, pude perceber que acontecem sim experiências no ensino/aprendizagem de Arte, talvez não da forma esperada, ou desejada, em alguns casos talvez seja percebidas futuramente, na maioria das vezes a experiência ocorre de forma sutil, no momento ocorrido, talvez passe despercebida, pelos professores e pelos alunos, perdendo a possibilidade de troca, de aprendizado diante de um momento de suma importância.

Ao concluir essa pesquisa, ficam claro os grandes desafios que são encontrados todos os dias no ensino de Arte. Nas escolas observadas percebi que os desafios são praticamente os

mesmos, falta de estrutura, falta de incentivo por parte da escola e dos órgãos responsáveis pela educação, etc.

Mas o grande diferencial é a forma com que cada professor encara essa realidade, enquanto alguns assumem que “não tem jeito”, outros procuram alternativas para virar esse jogo. O desrespeito à educação, aos educandos e aos educadores prejudica, desgasta a sensibilidade e a abertura ao bem querer da própria prática educativa, por isso, muitas vezes o professor “faz de conta que ensina enquanto o aluno faz de conta que aprende”.

Sei da desvalorização do professor em nosso país, mas quando passamos por situações reais e sentimos na pele essa falta de apoio e incentivo, antes mesmo de nos formarmos, isso gera um certo desconforto, um incômodo, uma insegurança, fazendo-nos às vezes, repensar nossas escolhas, chegando a nos questionar se vale a pena fazer o que realmente se gosta, ou melhor, optar por uma carreira de mais status e melhores salários.

Mas não posso me esquecer da grande capacidade que a experiência pedagógica tem para despertar e desenvolver em nós a alegria, o gosto de querer bem e a tão buscada

transformação, sendo esse o principal sentido por ter escolhido a prática educativa como profissão.

Chegando ao fim desse trabalho, reafirmo a importância e a necessidade de uma formação de qualidade e continuada, para que o professor esteja preparado saber o que quer e, não desanime nos primeiros desafios encontrados.

Posso afirmar que toda minha formação foi permeada de experiências, essa pesquisa em especial, foi de grande importância para minha formação, tanto acadêmica, pessoal e profissional, pois saio da academia ciente dos desafios que encontrarei, isso não os torna mais fáceis, mas agora tenho em mente que, cruzar os braços não é a melhor alternativa. Sei que a prática docente não é superior nem inferior a outra prática profissional, é a minha prática, que exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação científica faz parte.

E termino, mais uma vez, com Paulo Freire, que tem muito de mim:

... É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as utopias e os desejos, as frustrações, as intenções, as esperanças tímidas, às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que inclusive me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. Desde que não prejudique o tempo normal da docência, não posso fechar-me a seu sofrimento ou a sua inquietação porque não sou terapeuta ou assistente social. Mas sou gente. O que não posso, por uma questão de ética e de respeito profissional, é pretender passar por terapeuta. Não posso negar a minha condição de gente de que se alonga, pela minha abertura humana, uma certa dimensão terapêutica. (FREIRE, 2014, p. 141).

REFERÊNCIAS

- ARTE CONCRETA. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.or.br/termo370/concretismo> Acesso em: 02/12/2015.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.
- BONDÍA, Jorge Larosa. **Notas sobre experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 03/11/2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em: 15/08/2015.
- DEWEY, John; BOYDSTON, Jo Ann; KAPLAN, Abraham. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- EXPERIÊNCIA. In: DICIONÁRIO de filosofia. FERRATER, José Mora. Publicações Dom Quixote, 1978. Disponível em: <http://www.portalconservador.com/livros/Jose-Ferrater-Mora-Dicionario-de-Filosofia.pdf> Acesso em: 05/09/2015.

EXPERIÊNCIA. In: DICIONÁRIO de português online: Moderno dicionário da língua portuguesa. Disponível em: http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingu_a=portugues-portugues&palavra=experi%EAncia Acesso em: 03/11/2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HEIDEGGER, Martin, (1987). La esencia del habla. In: _____.

De camino al habla. Barcelona: Edicionaes del Serbal.

HERNÁNDEZ, Fernando; OLIVEIRA, Maria Oliveira de. **A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

Land Art. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3649/earthwork> Acesso em: 02/12/2015.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (Org.) **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (Org.) **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 3**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.